

Da melodia à letra: utilizando a música como estratégia de leitura

Elaine da Silva Carvalho Donato

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura, Educação e Linguagens – PPGCEL pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Vitória da Conquista/BA.

E-mail: elaine.donato@educacao.ba.gov.br

Resumo: O presente trabalho objetiva discutir as possíveis relações entre poesia e música, e como o uso dessas duas artes nas salas de aulas de Língua Portuguesa e Literaturas pode servir como estratégias metodológicas capazes de contribuir para a formação leitora do alunado.

Palavras-chave: Leitura. Música. Poesia. Estratégias Metodológicas.

Abstract: This paper aims to discuss the possible relationship between poetry and music, and how the use of these two arts in the Portuguese Language and Literature classes can work as methodological strategies capable of contributing to the students' reading formation.

Keywords: Reading. Music. Poetry. Methodological Strategies.

1 Para início de conversa...

Pensar a leitura é, antes de tudo, perceber a íntima relação que ela mantém com a vida. Vida essa que numa alusão à fala do poeta lusitano Fernando Pessoa¹ “não nos basta”, mas que é preenchida pela leitura na medida em que saltamos para dentro das histórias e nos apropriamos das personagens, de seus medos, dores, alegrias. Ao ler a palavra literária e as demais linguagens, o leitor tece com os fios da imaginação um universo de significado e passeia por caminhos devolutos, vivenciando experiências e dramas tão comuns à essência humana, reinventando-se e reinventando a realidade que o cerca. Partimos do pressuposto de que a função primordial da leitura não é o mero utilitarismo, geralmente apregoado pela escola, mas que sua essência reside na possibilidade de formar indivíduos capazes de agir de maneira ativa, crítica e reflexiva no meio social.

O ato de ler é, também, um ato de prazer. E como tal não aceita imposições, “ler não suporta o imperativo” (PENNAC, 1993, p. 13). Lemos para sentir, para percebermos o mundo, a vida, as pessoas, os signos que nos assaltam, pois “somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem” (SANTAELLA, 1983, p. 10).

Nesse sentido, Yunes assinala que

¹ Cf. Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literária. [1994].

ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. Ler é significar e, ao mesmo tempo, tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo. (2009, p. 53)

Ler implica envolvimento entre texto e leitor. No contato com as textualidades eleitas por seu olhar, o leitor começa a traçar seu caminho de descobertas, se significando, significando-as a partir de si.

Considerando que os signos se manifestam sob variadas formas e ocorrências, torna-se necessário também repensar a concepção e os espaços da leitura.

Por muito tempo a leitura esteve associada à ideia estruturalista de decodificação de fonemas, sem preocupação alguma com a subjetividade e com as significações que o sujeito leitor agrega ao texto e à própria existência. Ler limitava-se à decodificação do código impresso. Com os estudos de Mikail Bakhtin (1992), que vê no diálogo o princípio nevrálgico da linguagem, a leitura passa a ser vista como um mecanismo de interação entre texto e leitor, e se torna um espaço propício para comunhão das vivências, das aventuras, da apuração dos valores culturais, do pensamento e da própria linguagem. No entanto, ainda hoje deparamos com práticas de leitura impostas pela escola de forma autoritária, insensível à biblioteca viva que cada aluno traz em si e à nova demanda de leitores, que leem a vida em tempo real pelas redes sociais da internet, ao mesmo tempo em que escutam música e atendem ao celular. Como, então, atrair esse sujeito 'audiovisual' e instigar nele a curiosidade e o gosto pela leitura? Se "o livro é sagrado" (1993, p. 13), como sentencia Pennac, por que nossos alunos não gostam de ler?

O ponto crucial de tais indagações está no fato de que ninguém nasce leitor, se forma leitor. A leitura é construída degrau por degrau e requer mediação, não imposição. Para Pennac (1993), o ato de leitura pressupõe o *partilhamento*, é ao *partilhar* a minha felicidade de ler que contagio o outro: "E esses partilhamentos povoam a invisível cidadela de nossa liberdade. Somos habitados por livros e amigos" (PENNAC, 1993, p. 84). Antes do bojo histórico, social, político e cultural que os variados textos apresentam, vem a leitura do afeto, pois ler é "uma ação que gera energia, pensamento, constituição psíquica e afetiva [...]" (YUNES, 2011, p. 28), e oferece ao indivíduo "mais que a instrumentalização de um código: a condição de expressão de seu interior na ação comunicativa com o mundo [...]" (YUNES, 2011, p. 28).

Ao desconsiderar tempo, espaço, dificuldades e dúvidas dos alunos, impondo leituras que geralmente se distanciam da realidade, a escola condena o aluno à clausura do leitor automatizado, destruindo, assim, as possibilidades de percepção do mundo diversificado que circunda o estudante, transformando a literatura em pretexto para o ensino da história da literatura e da gramática.

Sabemos que o ensino de língua portuguesa, para ser significativo, deve conceber a leitura como "uma prática vitalizante do pensamento e da linguagem que apura o pensar e o sentir [...]" (YUNES, 2011, p. 28). É ao se enveredar nas tramas das diversas tessituras textuais, ora encontrando-se, ora perdendo-se, que o leitor consegue

realizar o mais livre exercício: o de pensar. E é somente ao pensar criticamente o mundo, a vida, que nossos alunos estarão habilitados para serem sujeitos atuantes – e transformadores de sua própria história.

Trabalhar a leitura na sala de aula, hoje, se tornou um grande desafio para os educadores de todo o país. A contemporaneidade traz consigo uma demanda de novas linguagens, de novos sujeitos, vistos não mais de forma positivista como indivíduo uno, mas como um ser fragmentado, incompleto, detentor de identidades fluidas. Mudaram-se os leitores e também as formas de ler. O lugar da leitura não é mais o do texto impresso, mas também o da internet, da TV, do cinema, dos celulares e ipods, dentre outros; lugar este que a leitura literária também deve estar inserida, não de forma obrigatória, maçante, mas de modo a proporcionar aos alunos o prazer de ler, de sentir a comunhão inefável de manter uma relação íntima e intransferível com o texto literário.

É ao buscar compreender os desafios da formação de leitores dessa sociedade líquida, fragmentária, que se delinea a problemática deste trabalho: como nós, educadores, utilizando possíveis estratégias metodológicas, podemos transformar o espaço das aulas de Literatura e de Língua Portuguesa hoje?

Ao problematizar esse ensino pouco efetivo no que concerne à formação de leitores críticos, habilitados para pensar o mundo à sua volta, é que vislumbramos o uso da música como uma metodologia capaz de tornar as aulas de literatura mais lúdicas e interessantes, constituindo essas artes possibilidades para contribuir e despertar o gosto pela leitura.

2 Letra e canção: interrelações entre poesia e música

A relação existente entre música e literatura é sólida e antiga. Andam de mãos dadas desde a Era Clássica, momento em que a tradição lírica estava pautada na poesia cantada com o acompanhamento da lira, primitivo instrumento de cordas, e da flauta.

Inicialmente, entende-se a lírica como um gênero poético em que vigora “[...] a apreensão imediata do mundo por um eu que vê e/ou sente” (MORICONI, 2002 p. 17). Por extensão, a lírica tornou-se um gênero da poesia em oposição aos textos épicos e dramáticos, muitas vezes associada à canção. Segundo Merquior (1977), com a decadência dos poemas narrativos e dramáticos, o texto lírico passa a se confundir com o próprio conceito de poesia, sendo que, ao tratar da literatura moderna, é até possível empregar um termo pelo outro.

Sob a entonação da lira, as composições poéticas conseguem transmitir um mundo de sentimentos múltiplos, traduzir as emoções humanas mais íntimas:

A Literatura está nos movimentos do coração, portanto, a matéria lírica, e são eles que constituem os temas líricos, isto é, são os sentimentos humanos: amor, ódio, alegria, tristeza, morte, melancolia, entusiasmo, admiração, piedade, contemplação, saudade, adoração da beleza [...] (COUTINHO, 1976, p. 60).

De acordo com Afrânio Coutinho (1976), a motivação lírica surge a partir dos sentimentos, das ideias, da música e da imaginação, isso porque exprimem os

princípios que regem a condição humana. A tradução lírica dos sentimentos torna possível o “despertar” da sensibilidade do homem diante da contemplação das coisas e da vida.

Para Salvatore D’Onofrio (2000), a lírica chega ao seu ápice durante o Romantismo e, com as produções literárias de escritores como Goethe, ganha contornos ainda mais intimistas, com maior predominância do universo pessoal e excessiva presença do emocional. Mas é durante o Renascimento (séc. XV), com o advento da imprensa, que a tradição lírica faz a transição para o domínio da escrita, deixando de lado a companhia musical para ser somente lida.

É com o nascimento da cultura do impresso e com a passagem de uma sociedade predominantemente oral para uma sociedade letrada que ocorre a cisão entre poesia e canção e, conseqüentemente, a separação entre a poesia concebida como literária, constituinte de uma cultura erudita e a canção popular, constituinte da cultura popular. Assim,

a poesia escrita para ser lida individualmente em silêncio é uma arte própria da cultura impressa, da cultura do livro. A canção, assim como a poesia recitada em voz alta são artes próprias de uma cultura performática oral, como era a cultura medieval antes da invenção da imprensa por Gutemberg no século XV (MORICONI, 2002, p. 22).

No entanto, apesar desse distanciamento, a poesia literária não perdeu definitivamente sua ligação umbilical com a música, já que as duas artes surgem justamente da força da tradição lírica, afinal, “a poesia está no ar porque a canção popular está no ar” (MORICONI, 2002, p. 13). Destarte, ao longo da história a poesia se fará presente na canção popular, na ópera, nos jograis.

De fato, essa “presença” pode ser constatada desde Arquíloco², considerado o criador da poesia lírica ou canção popular, caracterizada pela junção da música e da forma, até o modernismo literário de Ezra Pound, para quem “a poesia seria uma arte mais próxima da música — e até da pintura e da escultura [...]” (RENNÓ, 2003, p. 29).

A música leva à poesia. Paul Verlaine³ corrobora com essa ideia ao dizer que “a poesia deve ser antes de tudo música”. E sendo esta a “[...] mais popular das artes (...)” (MONTANARI, 1988, p.06), sua melodia é também o que há de mais universal, pois, ao perpassar as sonoridades da língua, consegue atingir o público de imediato, embalando-o pela expressão rítmica e rímica, já que somos seres em constante estado musical – “[...] para fazer música, a única coisa que o indivíduo precisa é estar vivo [...]” –, assinala Montanari (1988, p. 06).

Para Schiller *apud* Nietzsche (1992, p. 05), no ato da criação poética, esse “estado musical” aflora e antecede o objeto-poema: “o sentimento se me apresenta sem um

² Poeta grego, situado no século V a.C., reconhecido tradicionalmente como o ‘pai’ da canção popular.

³ Cf. A poesia antes de tudo (sobre o poema quase receita de Paul Verlaine) in O rio e a ponte - À margem de leituras escolhidas. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, FUNCEB, EGBA, 1999.

objeto claro e determinado; este só se forma mais tarde. Uma certa disposição musical de espírito vem primeiro e somente depois é que se segue minha ideia poética”.

A sensorialidade alcançada primeiramente pela música é também apreendida na leitura do poema – reside aí o maior encanto da linguagem artística: o sentir intensamente sem o toque, apenas pela palavra. Palavra-melodia que transcende a língua e pousa nos versos do poema, das cantigas e causos populares, das letras de música, do cordel, para ecoar no labirinto que é alma humana:

O som do signo guarda, na sua aérea e ondulante matéria, o calor e o sabor de uma viagem noturna pelos corredores do corpo. O percurso, feito de aberturas e aperturas, dá ao som final um protossentido, orgânico e latente, pronto a ser trabalhado pelo ser humano na sua busca de significar (BOSI, 2000, p. 52).

Os caminhos da música e da poesia se cruzam facilmente, uma vez que ambas utilizam-se da expressão, do ritmo, retratam dramas e sentimentos humanos, exploram a sonoridade lexical, “brincam” com as possibilidades semânticas da palavra.

Desse modo, o trabalho conjunto dessas duas artes pode contribuir para tornar as aulas de literatura – geralmente pautadas numa visão tradicionalista de Literatura e muitas vezes utilizadas como pretexto para ensino de gramática – mais prazerosas e atraentes, pois ambas facilitam a apreensão de diversas manifestações culturais e uma visão mais acurada das relações que as diversas artes estabelecem entre si e o meio social. Nesse sentido,

literatura e música abre assim uma janela sobre uma vasta paisagem. Sua leitura certamente amplia nosso horizonte de expectativas em relação ao texto literário, ao mesmo tempo que amplia o nosso conceito de literatura, ao mostrar as interações do texto literário com outros sistemas culturais (SOARES, 2007, p. 11).

Contudo, é preciso deixar claro que mesmo com tantas semelhanças, trata-se de duas artes independentes, uma não necessita da outra para existir. O texto poético, ao ser musicado, recebe novos recursos de linguagem que só vêm a enriquecê-lo. Por outro lado, a letra da música na sala de aula transforma-se numa significativa fonte para o estudo e compreensão da literatura, de questões étnico-sociais e políticas de determinados períodos históricos.

A música, por sua imaterialidade, alcança de imediato os sentidos. Emil Staiger, em *Conceitos Fundamentais da Poética*, discorre que a música é linguagem que comunica sem o uso de palavras, mas que se estende ao ser entoada.

Nem somente a música, as palavras, nem somente a sua significação perfazem o milagre da lírica, mas sim ambos unidos em um. Não podemos, criticar, se alguém se abandona mais ao efeito imediato da música; pois mesmo o poeta sente-se quase inclinado a dedicar uma certa primazia à parte musical, e, desvia-se, por vezes, das regras e usos da linguagem determinadas pelo sentido, a bem do tom ou da rima. (STAIGER, 1969, p. 23/24)

O efeito da música é sempre mais imediato do que o poema. Fátima Pombo também reforça essa concepção ao citar *Arthur Schopenhauer*, o filósofo “do ideal romântico da música” ao enfatizar a relevância dos sentimentos.

Defende que o mundo é o mundo dos sentimentos, porque representa o que é mais íntimo, mais indizível, mais misterioso da vontade. O compositor a essência íntima do mundo numa linguagem que a sua razão não saberia apreender. A música opõe aos conceitos, por excesso (POMBO, 2001, p. 128).

Ao contrário da música que chama a atenção imediata e absorve o leitor inicialmente por sua melodia, a poesia literária exige o ato solitário da leitura, porque “o poema literário é primordialmente um objeto intelectual” (MORICONI, 2002, p. 19) e requer, antes de tudo, concentração. Considerando que o aluno de hoje é um sujeito “audiovisual” e dispensa toda a sua atenção para atender à demanda do mundo atual, “atravancado de objetos, atulhado de imagens, aturdido de informações, submerso em palavras, sinais e ruídos de toda sorte” (BOSI, 2000, p. 260), em que a literatura luta para subsistir, um trabalho com a música que fuja do modo convencional da sala de aula e possibilite ao estudante perceber a diversidade de linguagens que o rodeia pode ser o pontapé inicial para formação de alunos habilitados a ler o mundo e as páginas literárias, cientes de suas competências linguísticas e discursivas.

Assim, o entrelaçamento dos recursos musicais e poéticos constitui uma poderosa fonte para se trabalhar a leitura em nossos espaços escolares. São muitas as canções que podem ser utilizadas na aula de forma que o aluno possa apreciar o ritmo, interpretar as letras, refletir as sensações provocadas, observar como se organizam os elementos da linguagem musical e/ou poética, perceber a mensagem produzida, qual o estilo musical da canção que foi trabalhada, que tipo de linguagem constitui o poema, quais semelhanças e diferenças entre os dois gêneros. Por que não tentar transformar uma letra de música num poema? Ou um poema em canção? Por que não declamar poesia ao estilo dos menestréis durante as aulas de português? Ou produzir um sarau à moda antiga, promovendo um resgate da memória histórica? E, ainda, por que não promover um passeio pela cultura musical de diversos países?

É possível também trabalhar música e poesia “interdisciplinando” vários conteúdos: literários, musicais, históricos, sociais e propor um diálogo em que os alunos, mediados pelo professor, possam expressar o lado subjetivo das leituras feitas, por meio da narrativa de seus sentimentos e livres associações com acontecimentos da vida cotidiana.

Passear pelas interfaces existentes entre as artes, além de dar um caráter lúdico às aulas de Literatura, tornando-as mais prazerosas, amplia o horizonte artístico-cultural dos educandos, pois permite explorar linguagens verbais e não-verbais, conhecer novas textualidades e uma diversidade de temáticas. Exemplo disso é o trabalho da Banda *O Teatro Mágico*, que une em seus espetáculos teatro, poesia, música e circo e escreve letras de altíssimo teor político, que brincam com a linguagem de forma poética. Recentemente, Manoel de Barros teve alguns de seus poemas musicados pelo compositor Márcio de Camillo. Resultado: O CD *Crianças* e uma nova abordagem de leitura para a obra do poeta, agora direcionada para o público infantil.

Inúmeras são as possibilidades do texto poético e do texto musical. Como linguagem direta e imediata da emoção, a música transforma-se na ponte que indica ao leitor o caminho para a poesia, pois ambas as artes mesclam infinitas sensações, permitem mergulhar num mundo de imaginação, fantasia, enfeitado pelo lúdico, devolvendo à Literatura seu status primordial de arte.

Música e poesia convergem na medida em que buscam alcançar o belo, muitas vezes esquecido pelo caos contemporâneo, ao expressarem uma linguagem carregada de grande valor simbólico e artístico, adornada de engenho-e-arte. Na medida em que transpõe as bases comuns, corriqueiras da linguagem e ressignifica-a, possibilitando a nós descortinar o universo maior: a *palavramundo*.

Nas palavras de Alfredo Bosi (2000, p. 271), “a poesia é ainda nossa melhor parceira para exprimir o outro e representar o mundo. Ela o faz aliando num só lance verbal sentimento e memória, figura e som”. Pela linguagem poética (e literária) traça-se o processo de construção da identidade de um povo, das tradições e costumes, experimenta-se o mundo, vivencia-se o “ser outros”.

Referências

BAKHTIN, Mikail. Gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COUTINHO, Afrânio. Gênero lírico. In: _____. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental*. São Paulo: Ática, 2000.

MERQUIOR, José Guilherme. *A Astúcia da mimese: ensaios sobre lírica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MONTANARI, Valdir. *História da música: da idade da pedra à idade do rock*. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia ou helenismo ou pessimismo*. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

POMBO, Fátima. *Traços de música*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001.

RENNÓ, Carlos. Poesia literária e poesia de música: convergências. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro *et al.* *Literatura e música*. São Paulo: Editora Senac, Instituto Itaú Cultural, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos).

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2007.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.

_____. *Vida que te quero ler*. In: _____. *Leitores a caminho: formando agentes de leitura*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2011.